

LINGUAGEM, CONTEXTUALIZAÇÃO, POSICIONAMENTO E EVIDENCIALIDADE: POR UMA PROPOSTA ALTERNATIVA DE ANÁLISE DO DISCURSO NARRATIVO DE EXPERIÊNCIA PARA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Cláudia Maria Bokel REIS (FE/UFRJ)¹

RESUMO: Ao analisarmos o discurso construído em narrativas de experiência profissional de professoras em atuação em universidades particulares, desenvolvemos, a partir da Sociolinguística Interacional e das Teorias Sócio-construcionistas do discurso, uma proposta de abordagem da experiência narrada, que considere não apenas os multi-contextos e comunidades de prática em que se encontram inseridos os professores, mas também as formas como são construídos os posicionamentos e o que dizemos desses posicionamentos para os interactantes. Articulamos a Teorias do Posicionamento e da Evidencialidade, de base pragmática, como forma de demonstrarmos as atitudes epistemológicas de falantes e ouvintes em relação ao conhecimento reconstruído nas narrativas.

ABSTRACT: As we analyze discourse constructed in teachers' narratives of professional experience who work at private universities, we aim at developing, from the standpoint of Interactional Sociolinguistics and Sociocconstructionist theories of discourse, an alternative approach to narrated experience. This approach considers not only the multi-contexts and communities of practice in which the teachers are inserted, but also the ways in which positionings are constructed and what we tell about these positionings to interactants. We articulate the theories of positioning and evidentiality, with pragmatics basis, as a way to demonstrate speakers' and listeners' epistemological stances in relation to knowledge reconstructed in narratives.

1. Introdução

Diversas áreas das ciências sociais e humanas têm, nos últimos anos, mostrado interesse em compreender as formas como construímos e expressamos nossas identidades em uma contemporaneidade em que palavras como fragmentação, globalização e reflexividade se tornaram reflexo de teorias que procuram dar conta das mudanças em que vivemos. Esses estudos, entre os quais inserimos os estudos da linguagem, da análise do discurso, da sociolinguística interacional e dos estudos narrativos, têm procurado demonstrar que nossas construções identitárias possuem um viés importante que perpassa a ótica da interpretação que fazemos de nossas experiências e vivências as quais são reconstruídas pela perspectiva dos falantes em discursos construídos sobre a trajetória da experiência.

No estudo que realizamos sobre a construção narrativa das experiências profissionais de duas professoras universitárias (Reis, 2005), desenvolvemos um aporte teórico interdisciplinar e multi-focal que nos possibilitou a análise das construções narrativas das experiências profissionais em situação de entrevista aberta (Denzin & Lincoln, 2001). As narrativas das experiências das professoras, a quem chamamos de “Vanda” e “Denise”, conduziram para uma observação do discurso como uma retomada da história de cada participante, sob a perspectiva da interpretação discursiva que elas faziam ao ouvinte, de suas próprias experiências, à medida que eram por elas revisitadas, pela perspectiva narrativa do “tempo ao contrário” (do presente para o passado), como nos apontam Mishler (2001, 1999) e Ricouer (1980). Além disso, podíamos observar a reconstrução dos diferentes horizontes de contextualização interdependentes (Knoblauch, 2001; Ellis, 1999) que tinham uma importância essencial na reconstrução narrativa, na medida em que diferentes contextos de ordem macro, médio-macro e micro (interacional) eram colocados em ação e reconstruídos dentro do contexto de produção interacional sob a perspectiva das narradoras.

¹ Contatos para cbokel@globocom

2. Contextualização e posicionamentos de ‘self’ nas narrativas

Um dos elementos essenciais que queríamos observar nas narrativas era a questão central da construção identitária das professoras. Nas narrativas, pudemos perceber que não somente posicionamentos de *self* profissionais eram colocados em ação no discurso para demonstrar a construção da experiência profissional, mas também a construção da coerência dos *selves* para justificar e explicar as identidades em jogo no discurso narrativo da experiência em um contexto interacional de entrevista aberta.

Assim, entravam em ação outras formas de posicionamento de *self*, como posicionamentos de *self* pessoal e de outros em diversos contextos, reconstruídos no discurso, e que podiam ser identificados a partir de uma abordagem da noção de contextos como interdependentes (Knoblauch, 2001; Ellis, 1999), esperilados, revisitados e retomados no contexto interacional sob a perspectiva das narradoras. Entre estes, pudemos observar contextos de ordem familiar e escolar, contextos acadêmicos específicos de comunidades de prática (cf. Wenger, 1998), relacionadas à ordem de pertencimento a uma determinada comunidade universitária. À medida que diversos contextos são reconstruídos no contexto interacional da entrevista, em que estão também perspectivizados diversos posicionamentos interacionais (cf. Wortham, 2000; 2001), sob a ótica dos narradores, podemos começar a observar a construção de uma coerência discursiva (Linde, 1993) para os *selves* em ação em tempos de construções identitárias fragmentárias em que a reflexividade dos acontecimentos (cf. Giddens, 2002) parece essencial para a construção das identidades de que somos.

Neste sentido, nos parece interessante a observação de Fairclough (1992) de que ao nos posicionarmos em discurso, construímos uma posição ativa de agentes deste discurso; ou seja, agimos no discurso de forma a demonstrar ativamente um posicionamento que requeremos para nós e para os outros.

Em seguida, a partir da construção teórica de nossa noção de contexto como horizontes de contextualização interdependentes e ao adotarmos a noção de posicionamento (Davies & Harré, 1990, 1999) para examinarmos as construções identitárias nas narrativas das duas professoras, surgiu-nos uma questão central de ordem lingüística. Esta se definia em como articular os diversos posicionamentos de *self*, oriundos de contextos interdependentes, com sua construção e expressão discursiva. A resposta começou a ser elaborada a partir da retomada de um trabalho de Chafe (1986), em que este autor trata da expressão da evidencialidade em língua inglesa, ou seja, de como o falante adquiriu determinada informação (fonte da informação ou conhecimento) e da relação entre a natureza epistemológica da expressão da atitude do falante em relação ao conhecimento ou informação; ou seja, uma “epistemologia natural”, das “formas como as pessoas comuns, desobrigadas de quaisquer tradições filosóficas, naturalmente consideram a origem e confiabilidade de suas informações” (Chafe, 1986:vii).

3. A expressão da evidencialidade e estratégias evidenciais em uma abordagem ampla

Os mecanismos que expressam a evidencialidade, comuns, explícita ou implicitamente, a toda e qualquer língua (Chafe, 1986; Mushin, 2001; Aikenwald, 2003, entre outros), juntamente com a análise das estruturas narrativas (cf. Linde, 1993), nos possibilitaram investigar como são construídos e colocados em ação os diversos posicionamentos de *self* das narradoras, permitindo que analisássemos a interdependência dos diversos níveis contextuais reconstruídos no contexto interacional (assim como este próprio), através das atitudes epistemológicas dos falantes e de sua relação (ou de como reconstruíam a relação) com determinada informação ou conhecimento.

Ao aprofundarmos o conceito da evidencialidade, no âmbito de uma abordagem ampla (cf. Chafe, 1986; Mushin, 2001; Downing, 2001; Haviland, 1987, 1989; Schieffelin, 1986, entre outros) e aplicada pragmaticamente, que procura salientar a construção da expressão da linguagem em uso e em contexto, pudemos, assim interpretar a atitude do falante/ouvinte ante as fontes de conhecimento, seus diversos contextos de origem e como estas eram reconstruídas no contexto interacional pela perspectiva das narradoras. A evidencialidade nos permite, assim, mostrar como os falantes interpretam as informações relativas aos diversos contextos de suas experiências, nos quais se inserem, e as reconstróem na interação, levando em consideração as expectativas em jogo em um encontro interacional. Na abordagem ampla que adotamos, utilizamos o termo “estratégia evidencial” (cf. Aikenwald, 2003), pois esta melhor se atuna às características da língua portuguesa, que não possui evidenciais marcados morfológicamente, mas construções semânticas e pragmáticas de expressão

da relação entre a fonte de informação (sensória, hipotética, dedutiva, verbal) e sua interpretação e reconstrução no contexto interacional pelos interactantes.

Assim, salientamos que, nesta abordagem ampla do conceito de evidencialidade, é relevante que consideremos não apenas a evidência como fonte de informação (seu sentido estrito, expresso em muitas línguas morfológicamente; conforme Aikenvald, 2003), mas, principalmente, a atitude do falante em relação à construção do conhecimento, o que nos possibilita a compreensão e interpretação da questão da atitude epistemológica como expressão da subjetividade através da linguagem, como mencionam Chafe (1986) e Gívon (1982).

Dessa forma, observamos, como salienta Mushin (2001), que a construção da subjetividade (e por consequência da ordem interacional em curso, da intersubjetividade), possui dois lados interfaceados, quais sejam, uma questão cognitiva, do processamento das informações pertinentes à construção da perspectiva do objeto do narrador (ou seja, sua história de experiência profissional), a qual se conecta a questão da memória, e uma outra questão fundamentalmente pragmática, da construção dessas informações diante da tarefa interacional e das metas do encontro interacional (contar a história da experiência profissional). Ou seja, os falantes não apenas observam sua experiência ou sua situação de mundo sob determinado ponto de vista, mas também constroem as expressões de como desejam que essa experiência seja interpretada, em nosso caso, suas próprias perspectivas sobre as narrativas de experiência que produzem. Esta questão se conecta de forma bastante relevante, em nosso estudo, a questões das narrativas, como histórias que contamos de nós mesmos com sendo uma construção ao revés do tempo; ou seja, do presente encontro interacional recriamos a trajetória de nossa história (Mislher, 1999, 2001; Ricouer, 1980; Bruner, 1997; Bourdieu, 2000).

Para analisarmos as atitudes epistemológicas, as quais conectamos a construção dos posicionamentos, adotamos a tipologia oferecida por Mushin (2001), conforme resumimos a seguir:

- i. Experiência pessoal: Produto da experiência direta e percepção consciente do conceptualizador, com acesso exclusivo (ou não) e direto à “verdade” da informação. A informação é representada como versão dos eventos pelo falante (“*eu fiz o curso do normal...aí fui dá aula*”);
- ii. Inferencial: Representação da informação como inferida ou deduzida, baseada em sólida evidência (“*os alunos devem ter falado qualquer coisa*”).
- iii. Reportada: atitude que representa a informação adquirida através de informação de outrem (“*e ele informou que eu eu fazia inglês...*”).
- iv. Factual: ausência de qualquer representação da fonte de informação (e status) no construto discursivo; a informação é conhecida por todos que participam de dada comunidade de fala, não sendo necessária estabelecer a validade da informação (“*o vestibular era integrado ... o cesgranrio que fazia...a minha opção era dezesseis*”).
- v. Imaginativo: informação encaixada no mundo ficcional (“*aí se eu tivesse feito eu talvez tivesse...*”).

A seguir analisamos dois pequenos fragmentos das histórias de “Vanda” e “Denise”.

4. Análise de dados

Esta breve análise que fazemos aponta para algumas questões da construção da perspectiva sobre a experiência narrada, com enfoque específico em como Vanda e Denise avaliam a experiência contada na interação em curso. É importante salientar aqui que Vanda² é Doutora em Letras e uma professora universitária que trabalha em uma universidade particular no Estado do Rio de Janeiro, com ampla experiência tanto na graduação quanto na pós-graduação em Letras e Linguística, com diversos trabalhos publicados. À época da gravação da entrevista em 2002, Vanda contava pouco mais de 50 anos, tendo já trabalhado mais de 20 anos em sua área específica.

No fragmento analisado a seguir, foi mantida, para efeitos de identificação do leitor, a posição original de sua ocorrência na transcrição. Assim, originariamente, a análise a seguir trata do fragmento 4, analisado em Reis (2005), em que Vanda avalia a sua experiência como professora a partir do contexto de sala de aula na universidade em que trabalhava.

² Para preservar o anonimato das participantes, todas as referências a nomes, locais e funções foram omitidas ou trocadas.

169 Eu dava aula pra (nome de curso),
 170 e foi um dESAfio,
 171 porque hoje eu vejo,
 172 e especialmente naquela época, né?
 173 Era um aluno mais especial do que hoje,
 174 e é um curso em que as pessoas que procuravam ..
 175 tinham um pé também na língua, na literatura,
 176 tinham um envolvimento muito grande com isso,
 177 com ser (nome de atividade profissional),
 178 com redigir bem,
 179 e tinha um perfil de aluno muito:: difícil,
 180 o que também me exigiu
 181 fazer aquilo de uma forma,
 182 muito:: diferente, muito nova, né?

Neste fragmento, e em outros da construção narrativa da participante, Vanda constrói posicionamentos profissionais que podem ser interpretados como possibilidades de atuação dentro do contexto de comunidade de prática (Wenger, 1998) dos professores e do contexto social da ordem do trabalho (Gee, Hull & Lankshear, 1996) em que se insere.

Em situações, como esta que reproduzimos, através da exemplificação acima, a reconstrução dos contextos se dá por atitudes epistemológicas diversas (experiência pessoal e inferencial) para a reconstrução das fontes de conhecimento que evidenciam posicionamentos de *self* pessoal e profissional dentro desses contextos.

No evento exemplificado pelo fragmento 4 original, Vanda constrói posicionamentos profissionais que podem ser interpretados como novas formas de ensinar e praticar a sua atividade profissional em função do desafio que era trabalhar com determinado grupo de alunos dentro de um curso específico na universidade em que trabalhava (o ‘abcd’). Devemos notar também que nestes eventos de construção identitária, mas não especificamente neste exemplificado acima, são também reconstruídas as vozes dos alunos, por atitude epistemológica reportada, que não somente auxiliam na construção do tipo de posicionamento, como também corroboram na apresentação das estratégias evidenciais para que estes posicionamentos sejam interpretados de forma compartilhada na interação.

Quadro 1 - Organização estrutural do fragmento de Vanda

Tipo de Estrutura	Número das linhas
Orientação	169 - 170
Avaliação	171 - 172
Orientação/avaliação	173
Narrativa	174 – 182

Ao recriar o contexto de sala de aula, ela compara os alunos de então com os dos tempos atuais, qualificando e avaliando aqueles alunos do passado, inseridos no Curso X, como um “desafio” (linha 170) e “mais especial” (linha 173). É este desafio (relacionamento com estes alunos e como dar aula gramática) reconstruído no discurso em forma de avaliação ou reflexão, que é responsável pela construção de um seu posicionamento para sua prática profissional (linhas 181-182 – “fazer aquilo de uma forma / muito:: diferente, muito nova, né?”).

A estratégia evidencial para construção do posicionamento é apresentada em forma discurso de opinião (cf. Schiffrrin, 1990; Shi, 2000), como avaliação incidental (Linde, 1997) da experiência pessoal com repetição e ênfase no alongamento da vogal do quantificador (muito::: difícil – linha 179; muito::: diferente, muito nova – linha 182). A atitude epistemológica de experiência pessoal é, ainda, construída por evidência sensória na linha 171 (“porque hoje eu vejo”), reforçando o caráter da perspectiva da observadora no presente sobre o objeto narrado e a sua interpretação deste.

Podemos, ainda, observar a progressão da construção no contexto interacional: alunos > muito:: difícil; aula > muito:: diferente, muito **nova** (neste momento, a narradora também procura concordância no posicionamento interacional com interlocutora – através do *tag* “né?”, linha 182). Em momentos subseqüentes, continua sua história apresentando outros episódios que corroborem com a “veracidade” e confiabilidade dos fatos reconstruídos em discurso.

O extrato do fragmento a seguir traz a participação de “Denise”, outra informante de nosso estudo. Denise, à época da gravação de sua entrevista, também em 2002, contava cerca de 35 anos; trabalhava tanto em uma universidade particular como um Centro Universitário no Estado do Rio de Janeiro. Naquele momento, estava em processo de escritura de sua tese de Doutorado, e trabalhava em Letras, principalmente, com Língua Portuguesa e Lingüística. Além disso, dava aulas de Língua Portuguesa em empresas.

Neste fragmento (originariamente, parte do fragmento 5 de nossa análise), procuramos demonstrar a construção de Denise para atuação profissional no âmbito dos diversos contextos de trabalho em que se encontrava inserida.

Assim, o fragmento 5, na entrevista de Denise, se inicia com uma pergunta da entrevistadora (linhas 177/178 – “*Como é que é / essa coisa de dá aula em empresa?*”³) que posiciona a narradora a construir uma avaliação, através de uma atitude epistemológica pessoal, no contexto interacional, levando-a a avaliar a própria trajetória da experiência, criando um elemento discursivo de característica discursiva diversa daquele que vinha construindo sua história, caracterizada em Reis (2005) como crônica (cf. Linde, 1993; De Fina). O posicionamento forçado da entrevistadora faz com que Denise exerça explicitamente uma análise do contexto macro-social e de comunidade de prática e de sua própria atuação nestes contextos.

Extrato 5.1 -

179Denise: Ah- é legal!
180eu gosto muito de dar aula
181desde criança ..
182depois que eu terminei o- o doutor-,
183terminei o mestrado,
184tive que voltar a dar aula no município,
185aí voltei a dar aula pra criança numa boa,
186Então é: consigo,
187que é bem diferente dar aula em empresa,
188e dar aula pra criança do município,
189Cláudia: hum
190Denise: de favela,
191ou trabalhar com aluno aqui da faculdade,
192ou trabalhar com aluno do segundo grau.
193Então eu acho que eu consigo:
194me adaptar, né?

No extrato 5.1 (linhas 179 a 194), Denise revela sua capacidade de adaptação aos diversos contextos em que se insere, observando sua capacidade de adaptação às necessidades das comunidades de prática, construindo a estratégia evidencial no âmbito do “gostar” (linhas 179 – 192), como atitude epistemológica de experiência pessoal.

Com a adoção da atitude epistemológica de experiência pessoal que predomina nas linhas 179 a 192, por exemplo, a narradora avalia o trabalho nestas diferentes comunidades de prática traçando comparações sobre as diferenças do trabalho. Demonstra, contudo, que as diferenças mais a aproximam do que a afastam do trabalho, como podemos perceber nas linhas (180 a 185 – “eu gosto muito de dar aula / .../ tive que voltar a dar aula no município / aí voltei a dar aula pra criança numa boa”). Assim, na linha 180 (“eu gosto muito de dar aula”), Denise reconstrói um posicionamento pessoal que incide sobre a atividade profissional, ou seja, uma avaliação tópica (cf. Linde, 1997) sobre a atividade, seguida de uma breve narrativa sobre a retomada das aulas no município, avaliada incidentalmente, na linha 185, de forma positiva (“numa boa”).

³ Omitido na transcrição acima.

Em seguida, entre as linhas 187 e 193, Denise continua a avaliar as diferenças do trabalho entre as diversas comunidades de prática, adotando uma atitude de experiência pessoal para a construção das estratégias evidenciais (“bem diferente dar aula em empresa, / e dar aula pra criança do município, / ou trabalhar aluno aqui da faculdade / ou trabalhar com aluno de segundo grau”). Logo após a construção deste posicionamento através da apresentação das evidências que comparam os diferentes tipos de trabalho, Denise adota uma atitude epistemológica dedutiva, a partir da reconstrução acima, para a construção do posicionamento profissional subsequente que resume a sua capacidade de trabalho nestas diferentes comunidades de prática: (linhas 193 e 194 – “Então eu acho que eu consigo: me adaptar, né?”). Para este posicionamento, Denise busca complementação no posicionamento interacional com a interlocutora (*tag*, “né?”, linha 194).

5. Conclusões

Podemos perceber que as construções discursivas de Vanda e Denise, nos extratos apresentados são bastante distintas, principalmente no que tange à construção da avaliação da experiência e a construção de posicionamentos identitários pessoais e profissionais na reconstrução da perspectiva no contexto interacional dos contextos interdependentes em que se inserem as narradoras. Mais do que isso também, o estudo nos revela um imbricado jogo discursivo a partir do que, com as articulações teóricas e analíticas, brevemente apresentadas, acreditamos poder contribuir para o avanço dos estudos em análise discursiva e narrativa.

Assim, esperamos poder contribuir para a discussão de abordagens do discurso de construção identitária na área de estudos da linguagem. Algumas questões que articulam as noções de contexto, posicionamento e evidencialidade, podem ser apontadas como parte desta reflexão.

Observamos a necessidade de considerar a construção identitária por um prisma interdisciplinar, que articule abordagens socioconstrucionistas do discurso, a sociolinguística interacional em interface com teorias evidencialidade, narrativa e posicionamento, com conexões importantes com a psicologia cultural, psicologia social e sociologia.

Pudemos também observar que posicionamentos de *self* construídos ao longo de narrativas, são posicionamentos que reconfiguram o passado à luz da interpretação dos contextos macro-social, de comunidade de prática e interacional que estão situados no tempo atual como uma prática reflexiva; ao identificarmos as atitudes epistemológicas adotadas para apontar como as perspectivas sobre o conhecimento e as informações são construídas, acreditamos que os falantes, através das estratégias evidenciais que compõem as atitudes epistemológicas, podem demonstrar quais são as perspectivas sobre a história de trajetória profissional que relatam. A partir desta identificação, podemos observar e analisar os posicionamentos de *self* construídos no momento situado da entrevista de pesquisa e a construção da coerência narrativa entre os posicionamentos de *self* colocados em ação no contexto interacional.

Muito embora a temática do encontro da entrevista estivesse localizada na construção da trajetória profissional das narradoras, as narradoras não constroem apenas posicionamentos profissionais que indexam a reconstrução desta trajetória. Ao contrário, posicionamentos de *self* pessoal, de outros e interacionais são construídos ao longo do encontro. Percebemos, portanto, que são diversos os posicionamentos de *self* que são construídos para dar conta da construção da coerência na narrativa de experiência.

A evidencialidade pragmática se mostra, assim, um recurso analítico importante na explicitação desses posicionamentos, pois a identificação das atitudes epistemológicas dos falantes nos permite perceber que tipo de posicionamento está sendo construído e em que contexto ele está localizado, apontando para a origem da perspectiva que foi adotada pelo conceptualizador (cf. Mushin, 2001), indexando os contextos. Dessa forma, podemos perceber a interdependência dos contextos nas escolhas dos falantes para como organizar as informações.

Podemos também considerar que a análise das estratégias evidenciais demonstra que a construção discursiva é uma escolha do falante em relação a como deseja organizar as informações relativas à reconstrução dos contextos, pois, as estratégias evidenciais indexam as fontes de informação, ou contextos, e a reconstrução dos eventos passados evocados pela memória. Indexam também a perspectiva do falante acerca desses eventos e a reconstrução da teia dos relacionamentos que são reconstruídos no discurso, ou seja, os posicionamentos de outros e o posicionamento interacional com a interactante.

Percebemos, igualmente, que, através das atitudes epistemológicas construídas, identificamos um imbricado jogo de perspectivas para a construção de posicionamentos de *self* nas narrativas, que são colocados

em ação para justificar a construção de posicionamentos profissionais na contemporaneidade em interface com os contextos de comunidade de prática. Assim, não apenas a reconstrução de um ou outro tipo de contexto no contexto interacional, mas também de diversos posicionamentos de *self* pessoal, profissional, moral e interacional e de posicionamentos de outros, contribuem para a construção de uma perspectiva ampla para dar conta da construção das identidades no contexto de entrevista de trajetória profissional;

Finalmente, é interessante também verificar que a adoção da abordagem ampla da evidencialidade nos permite perceber que a co-construção dos posicionamentos de *self* pessoal, profissional e interacional nas narrativas perpassa também a perspectiva de um evidenciamento de construção epistemológica compartilhada culturalmente (Schieffelin, 1996), ao observamos a indexação dos posicionamentos aos contextos de origem, como os contextos macro-institucionalizados e de comunidade de prática, em que muitas das referências podiam ser compreendidas a partir da co-interpretação das expectativas, condutas, discursos e análise situada da própria realidade sócio-econômica do trabalho em que as narradoras se encontram.

6. Referências bibliográficas

AIKHENVALD, A. Evidentiality in typological perspective. In: A. Aikhenvald & R. Dixon, **Studies in Evidentiality**. Philadelphia: J. Benjamins, 1-33, 2003.

BOURDIEU, P. A ilusão bibliográfica. In: M.A. Ferreira & J. Amado, **Usos e abusos da história oral**. 5ª. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 183-191, 2000.

BRUNER, J. **Atos de Significação**. Porto Alegre: ArtMed, 1990[1997].

CHAFE, W. Evidentiality in English: Conversation and Academic Writing. In: W. Chafe & J. Nichols (Eds.) **Evidentiality: The linguistic coding of epistemology**, pp. 261-272. New Jersey: Ablex, 1986.

_____. & NICHOLS, J. (Eds.) **Evidentiality: The linguistic coding of epistemology**. New Jersey: Ablex, 1986.

DAVIES, B. & HARRÉ, R. Positioning: The Discursive production of Selves. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, 20(1), 43-63, 1990.

DE FINA, A. **Identity in narrative: A study of immigrant discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003.

DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. The Discipline and practice of Qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.) **Handbook of qualitative research**, (2nd. Ed.). EUA: Sage, pp. 1-28, 2000.

DOWNING, A. Surely you knew! *Surely* as a marker of evidentiality and stance. **Functions of Language**, 8 (2), 253 - 282, 2001.

ELLIS, D. G. Research on social interaction and micro-macro issue. **Research on Language and Social Interaction** 32 (1&2), 31 – 40, 1999.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and Social Change**. Great Britain: Polity, 1992.

GEE, J. P., HULL, G. & LANKSHEAR, C. **The new work order: Behind the language of the new capitalism**. USA: Westview, 1996.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

GIVÓN, T. Evidentiality and epistemic space. **Studies in Language** 6, 23-49, 1982.

HARRÉ, R. & VAN LANGENHOVE, L. **Positioning Theory: Moral Contexts of Intentional Action**. Great Britain: Blackwell, 1999.

HAVILAND, J. B. Sure, sure: Evidence and affect. **Text**, 9(1), 27-68, 1989.

_____. Fighting words: Evidential particles, affect and argument. In: J. Aske, N. Berry, L. Michaelis and H. Filip (eds.) **Proceedings of the Thirteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society on Grammar and Cognition**. California, 343-354, 1987.

KNOBLAUCH, H. Communication, Contexts and culture: A communicative constructivist approach to intercultural communication. A. Di Luzio, S. Günthner & F. Orletti (Eds.), **Culture in Communication: Analyses of intercultural situations**. USA: John Benjamins, pp. 6 – 33, 2001.

LINDE, C. **Life Stories: The creation of coherence**. USA: Oxford, 1993.

_____. Evaluation as linguistic structure and social practice. IN: B.L. Gunnarson, P. Linell & B. Norberg, **The Construction of Professional Discourse**. UK: Addison-Wesley Longman, 151-172, 1997.

MISHLER, E. G. **Storylines: Craftartists' Narratives of Identity**. Cambridge: Harvard, 1999.

_____. **Narrative and Identity: The Double Arrow of Time**. Conferência apresentada no Congresso Discurso, Identidade e Sociedade, PUC-Rio, 2001.

MUSHIN, I. **Evidentiality and Epistemological Stance**. Philadelphia: John Benjamins, 2001.

REIS, C. M. B. **Linguagem, evidencialidade e posicionamentos de professor: A construção da coerência dos 'selves' em narrativas de experiência**. Tese de Doutorado, Puc-Rio, 2005.

RICOUER, P. Narrative Time. **Critical Inquiry**, 7 (1), 169 – 190, 1980.

SCHIEFFELIN, B. B. Creating evidence: making sense of written words in Bosavi. In Ochs, E., Schegloff, E. A., & S. A. Thompson **Interaction and Grammar**, 435-460. Cambridge: CUP, 1996.

SCHIFFRIN, D. The management of a co-operative self during argument: the role of opinions and stories. In: A. D. Grinshaw (Ed.) **Conflict talk: Sociolinguistic investigations of argument in conversations**. USA: Cambridge University Press, 241-259, 1990.

SHI, X. Opinion discourse: Investigating the paradoxical nature of the text and talk of opinion. **Research on language and social interaction**, 33(3), 263-289, 2000.

WORTHAM S. Interactional Positioning and Narrative Self-Construction. **Narrative Inquiry**, 10(1) 157-184, 2000.

_____. **Narratives in Action: A strategy for research and analysis**. New York: Teachers College, 2001.